

# Desmatamento volta a crescer na Amazônia

Segundo o Inpe, dados sobre 98 indicam um total de 16.838 km<sup>2</sup> desmatados – um aumento de 27% ante 97

LIANA JOHN

**S**ÃO JOSÉ DOS CAMPOS – O desmatamento na Amazônia voltou a aumentar entre 1997 e 1998, segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O total desmatado em 1997 foi de 13.227 km<sup>2</sup> e as projeções de 1998 indicam 16.838 km<sup>2</sup>, um aumento de 27%.

O total dos desmatamentos na região, somados todos os anos de acompanhamento até agosto de 1997, é de 532.086 km<sup>2</sup>. A confirmar-se a projeção de 1998, o Brasil já teria perdido, em florestas, o equivalente ao Estado da Bahia.

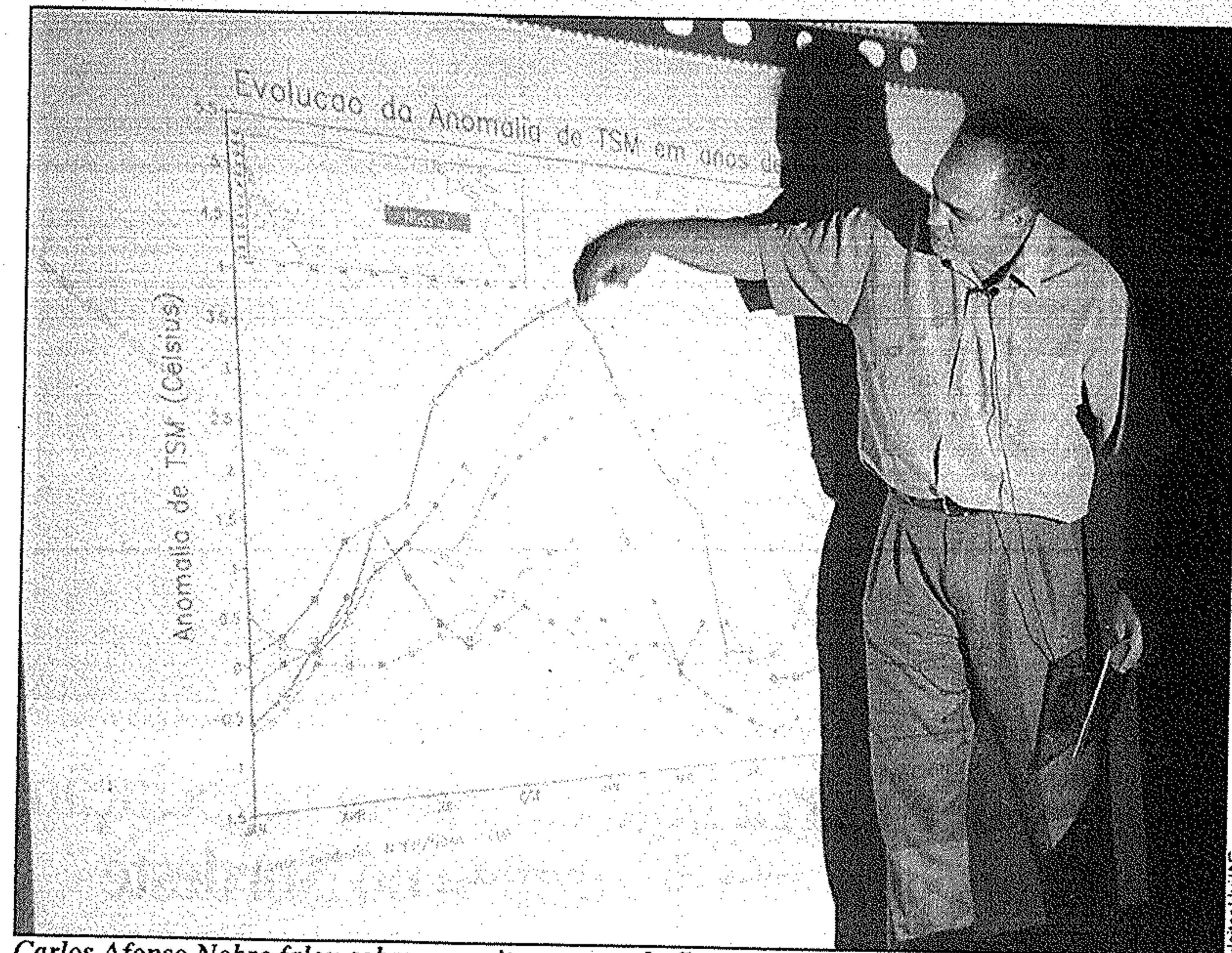
As características mudaram quanto ao tamanho das áreas contínuas derrubadas. Em 1995 e 1996, quando foram desmatados, respectivamente, 29.059 e 18.161 km<sup>2</sup>, as ações mais representativas ocorreram em pequenas áreas (inferiores a 50 hectares). Os projetos de colonização e os assentamentos de reforma agrária foram os grandes vilões da destruição. Em 1997 e 1998, cresceram as médias e grandes derrubadas, sobretudo de áreas contínuas com 200 a 500 hectares e acima de mil hectares. Resta conhecer melhor os novos vilões.

A disponibilidade de dinheiro para investimento em novas áreas agropecuárias pode explicar parte desse aumento nas derrubadas. A associação da abertura de novas áreas a atividades madeireiras é outro fator a ser

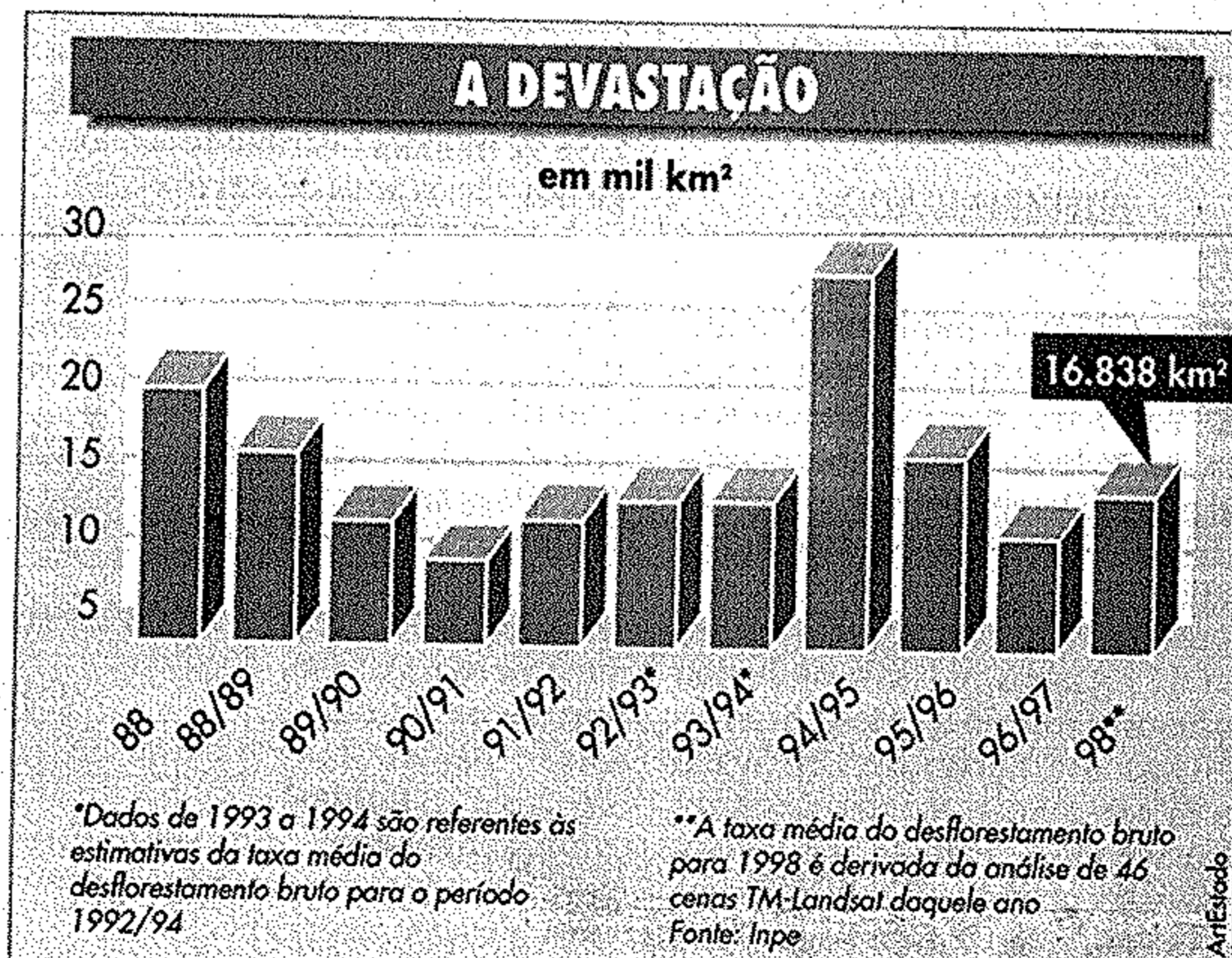
**RESTA  
CONHECER  
MELHOR OS  
NOVOS VILÕES**

analisado. Os tipos de vegetação mais prejudicados nos desmatamentos de áreas médias e grandes, por exemplo, foram a floresta ombrófila densa, a floresta estacional e o cerra-

ção. São tipos de vegetação de áreas onde predomina a atividade madeireira como frente de abertura de novas regiões agropecuárias. Apesar da relativa redução em importância, o desmatamento de áreas inferiores a 50 hectares preocupa, porque se deu sobretudo nas zonas de contato e na floresta aberta. As zonas de contato caracterizam-se por alta biodiversidade e a presença, embora pulverizada, de novas frentes de colonização pode ter impactos sérios sobre a fauna. Os dados foram apresentados por vários pesquisadores, entre eles Carlos Afonso Nobre, do Inpe.



Carlos Afonso Nobre falou sobre o monitoramento da floresta amazônica brasileira via satélite



## Dados desagradam aos ambientalistas

JÚLIO OTTOBONI

**SÃO JOSÉ DOS CAMPOS** – A divulgação de novos dados sobre o desmatamento na Amazônia voltou a desagradar aos ambientalistas. O secretário-executivo da organização não-governamental Instituto Socioambiental, João Paulo Capobianco, criticou o governo federal pela falta de uma política para conter o desflorestamento na região. Ele prevê uma repercussão altamente negativa desses números no exterior. "O quadro é de total descontrole por falta de uma política consistente", comentou.

Capobianco destacou que a taxa de desmatamento estimada pelo Inpe para 1998 será 27% superior à do ano anterior. Para ele, isso comprova que há uma retomada no processo de degradação ambiental na região e uma grande oscilação nos números apresentados nos últimos anos. A taxa registrada em 1997, segundo os cálculos do instituto, corresponde à destruição de uma área diária igual a 5 mil campos de futebol.

O ambientalista acredita que o anúncio de 30 mil quilômetros quadrados de desmatamento no biênio 97/98 terá uma repercussão negativa em todo o mundo. Capobianco afirma que o governo federal terá de esclarecer essa situação ao G-7, que investiu US\$ 250 milhões em projetos de preservação da floresta amazônica. "Como o governo alemão vai explicar para seus cidadãos a doação de US\$ 80 milhões e o crescimento do desmatamento?", comentou.

Class. 280  
Data 11/02/99  
Pg. A-13

Documentação